

Cadernos Brasileiros

## II. Da Negritude

Set/Out/66

VILÉM FLUSSER

O PRETEXTO dêste artigo é o primeiro festival mundial das artes negras, realizado em Dacar no mês de abril do presente ano.

O primeiro princípio geral do festival era êste:

O Festival Mundial das Artes Negras está aberto (e também reservado), aos artistas negros ou de origem negra, e às suas obras.

Como a sua organização se revestiu de uma forma nacional, participaram dêle os países africanos tidos como "negros", e aquêles países americanos que possuem população negra. Foram expostas obras de arte de autores negros. Executaram-se representações teatrais, danças, projeções cinematográficas e concertos cujos autores e/ou executantes eram negros. Especialistas discutiram a cultura negra. Dacar procurou transformar-se em foco do mundo negro. O Brasil (um dos países de maior população negra do mundo) estêve representado em grande parte do programa. Esta a cena que serve de pretexto ao presente artigo.

Algo em nós rebela-se quando ouvimos o têrmo "negro". É um têrmo perigoso, e deve ser pronunciado, a meu ver, com o máximo cuidado e em contextos bem definidos. A razão é a seguinte: O homem é um ser parcialmente determinado, e parcialmente livre. A dignidade do homem enquanto existência reside na sua rebelião contra aquilo que o determina. O homem é um ser que procura negar, sempre de nôvo, as condições que o determinam. É isto que pretendemos

quando dizemos que o homem existe. As condições determinantes, definidoras e portanto limitadoras do homem são as barreiras degradantes contra as quais o homem se lança em sua procura prometéica e sempre frustrada da liberdade.

É óbvio que não podemos negar o fato que somos sêres parcialmente determinados e parcialmente definíveis. Se mantivermos em mente que tôda tentativa de definir o homem é também tentativa de degradá-lo, poderemos recorrer a definições como armas na luta pela dignidade humana. Verificaremos que essas definições se dão em duas camadas de realidade. O homem pode ser definido na camada da "natureza", e na camada da "cultura". O homem é um ser determinado pela natureza e pela cultura. Discutirei logo mais a dificuldade que temos em distinguir nitidamente entre as duas camadas. Mas em primeira tomada de consciência da nossa situação podemos distinguir entre sentenças que definem o homem como ser que consiste de tantos quilos de água, e sentenças que definem o homem como ser que assiste radionovelas. O têrmo "negro" é plenamente significativo apenas no contexto do primeiro tipo de sentenças.

Tôdas as definições degradam o homem. O homem é degradado como ser condicionado pela água e como ser condicionado pela radionovela. Mas no primeiro caso a degradação é mais evidente. A natureza é uma condição mais de-

gradante que a cultura, porque tende a me coisificar mais radicalmente. Por isto me sinto mais degradado, mais sufocado em minha dignidade de existência, se me definirem como "corpo", ou como "mamífero", ou como "negro", que se me definirem como "burguês", ou como "búlgaro", ou como "sapateiro". Embora resista a toda tentativa de explicar as minhas ações e meus pensamentos em base do meu condicionamento, rebelo-me mais contra as explicações que partem da natureza. É mais penoso admitir que faço o que faço porque sou mamífero, do que admitir que faço o que faço porque sou luterano. Isto porque a cultura é uma determinação menos tirânica (pelo menos à primeira vista). Posso imaginar que escolhi ser luterano (embora isto seja provavelmente ilusão minha), mas não posso imaginar sequer que escolhi ser mamífero e não peixe. Por isso vivencio explicações como a marxista como náusea menor que explicações como a nazista.

O termo "negro" define o homem no nível biológico, portanto no nível da natureza. Dá-se ao mesmo nível ontológico, no qual se dão as explicações nazistas. Devemos admitir que o homem é um ser parcialmente determinado biologicamente, e que portanto são parcialmente significativas as definições do homem que o discurso da biologia nos fornece. Procurarei mostrar que o termo "negro" é um termo impreciso, superado pelo estágio atual da biologia, e deve ser abandonado. A *Encyclopaedia Britannica* define como "negróide" toda população do hemisfério oriental entre a Senegambia e as ilhas Fiji. Essa população apresenta certas características comuns que permitem a classificação proposta. "Negros" no sentido estrito do termo são os habitantes da África ao sul do Saara e ao norte da uma linha fluída que vai

do Gêlfo de Biafra até a desembocadura do Tana. As populações ao sul dessa linha (os Bantus, Bushmen e Hottentots) são raças mistas. Os negros no sentido restrito do termo (os sudaneses) apresentam determinados traços que os distinguem de outras raças. Alguns desses traços, como o prognatismo, lembram traços antropóides, outros, como o caráter dos cabelos, representam um estágio "evolutivo" superior ao dos brancos. Se quisermos abusar do darwinismo (dessa teoria parcialmente superada), em contextos valorativos, devemos concluir que os negros são sob certos aspectos menos evoluídos e sob outros mais evoluídos que os brancos. Mas é óbvio que tal valorização é impertinente. Quanto à capacidade mental dos negros (admitindo que sabemos o que pretendemos por "capacidade mental"), toda tentativa de medi-la é viciada pelo fato de serem os testes programados por brancos. Esse tipo quantificante de antropologia, repugnante pela sua estrutura mesma, resulta em pura conversa fiada.

Os traços característicos do negro são abstrações feitas pelos observadores. Resultaram de induções feitas a partir de amostras individuais escolhidas. Termos como "prognatismo" são termos teóricos, e portanto é teórico também o termo "negro". Ele faz parte de uma teoria que não é "boa". Nunca encontramos todos os traços característicos num indivíduo concreto. Neste sentido ninguém é negro. Entre os sudaneses são encontrados traços hamíticos, semíticos, caucasianos, e outros. Inversamente, determinados traços negros podem ser encontrados em toda a população da Terra. Os chamados "negros" do hemisfério ocidental são descendentes, em parte, dos povos negros e negróides da África, e em parte muito maior de povos

hamíticos e semíticos da África, dos indígenas americanos, e de todos o povos europeus. Neste sentido todo homem é negro. Em suma: o termo "negro" é um termo de uma teoria que procura explicar determinados fenômenos observados na espécie biológica *homo sapiens*, mas que não é extremamente eficiente. Com efeito, outras teorias estão sendo formuladas. Se portanto admitimos que o homem é um ser parcialmente determinado pela biologia (embora o façamos com o intuito de nos rebelar contra essa determinação), podemos "jogar fora" a teoria que emprega o termo "negro".

Infelizmente devemos admitir que a distinção entre "natureza" e "cultura" é difícil, e desafia tôdas as ontologias. A natureza é o conjunto das coisas não produzidas pelo homem. A cultura é o conjunto das coisas que foram arrancadas pelo homem à natureza e manipuladas. Mas não continuam sendo "naturais" em certo sentido? Não continua sendo madeira a mesa? E o homem que manipula as coisas e produz cultura, não é ele um ser "natural" em certo sentido? Não produz ele, em certo sentido, a mesa como a ave produz o ninho? Os limites entre natureza e cultura se borram, e mais atualmente que antigamente. É leite desidratado um alimento natural ou produto de cultura? Qual o aspecto natural, e qual o cultural de uma reprêsa? E qual a diferença ontológica entre a Lua como plataforma de vôos interplanetários e um *sputnik*? Dada esta dificuldade, tendem os discursos, cujo assunto é a natureza, a invadir o terreno da cultura e vice-versa. Surgem expressões híbridas e suspeitas como "arté negra". Trata-se de confusão semântica, bem conhecida nossa pelas explicações nazistas. O nazismo era, no fundo, uma confu-

são entre natureza e cultura e resultou em deturpação de ambas. Animalizava a cultura e technicalizava a natureza. O funcionário nazista era uma fera mecanizada. A expressão "arte negra" move-se no mesmo terreno. Trata-se, obviamente, de uma inversão dos valores racistas, mas aceita as coordenadas do racismo. Podemos vivenciar esse fato, se invertermos os termos. Imagine-mos um festival, cujo primeiro princípio geral seria êste:

O Festival Mundial das Artes Brancas está aberto (e também reservado), aos artistas brancos ou de origem branca, e às suas obras.

Dito isto, procuremos justificar a expressão "arte negra", já que obviamente não é insignificativa.

Existe uma sociedade (ou várias sociedades) que habita a África ao sul do Saara. Biologicamente essa sociedade pode ser explicada, por uma teoria não muito "boa", como negra. Essa sociedade manipulava e manipula a natureza, isto é: produz cultura. As coisas da cultura que são assim produzidas desvendam, quando vivenciadas, e mais ainda quando analisadas, um determinado clima existencial e uma determinada estrutura. Com efeito: desvendam vários climas e várias estruturas. Ao sul do Saara há mais de uma cultura. O clima e a estrutura das coisas da cultura são sintomas manifestos da maneira como uma determinada sociedade se encontra a si mesma na situação na qual foi lançada. Tôda sociedade manipula a natureza de acôrdo com determinados modelos, que são as formas pelas quais se encontra a si mesma. Êsses modelos são geralmente chamados "mitos". Tôda cultura é realização de modelos, de mitos, pela manipulação de coisas da natureza por uma sociedade. As culturas ao sul do Saara são realizações de

determinados mitos. Podemos, se o quisermos, chamar esses mitos de "negros", desde que não queiramos com essa expressão explicar a origem desses mitos. Os mitos (os modelos) se dão no encontro da existência com a sua situação, com efeito, em certo sentido desfecham a situação e a existência mesma. Mitos desfecham mundos. Querer explicar os mitos que desfecharam os mundos das culturas "negras" biologicamente seria submetê-los a um mito europeu (o mito biologizante), que é um mito esvaziado e um modelo superado. Ao chamarem essas culturas de "negras", estão os patrocinadores do festival aderindo, inadvertidamente, a um mito europeu. E isto prova, paradoxalmente, a sua inautenticidade.

A prova é reforçada pela consideração seguinte: As culturas ao sul do Saara são articulações poderosas de existências que se encontraram em determinadas situações desfechadas por determinados mitos. O ritmo potente da sua música, os movimentos expressivos das suas danças, a virilidade plástica das suas estátuas, atestam um domínio do espírito sobre a natureza, uma afirmação da dignidade humana em sua rebelião contra a sua condição, que são muito diferentes das articulações européias. Obedecem a categorias diferentes. Dentro dessas categorias não se encontra, creio, a categoria "arte". "Arte" é uma categoria européia da cultura, e mais exatamente uma categoria evoluída pelo Renascimento. Uma estátua renascentista é uma obra de arte. Uma estátua gótica já não pode ser chamada de "obra de arte" no sentido estrito, porque não brota de uma vontade artística, senão de uma fé religiosa. Embora sejam belas as estátuas góticas, não são obras de arte. Creio que uma estátua da Nigéria ou do Senegal é ainda muito me-

nos "obra de arte". E quanto ao conceito de "festival", que é uma exposição de obras de arte no sentido renascentista, organizada pelos métodos propagandísticos do século XX tecnologicado, creio que fico dispensado da demonstração que não brotou do chão das culturas africanas. Ao terem organizado um "Festival de Arte Negra" provaram, creio, os organizadores, o quanto são alienados das culturas que professam.

O termo "arte negra", se analisado, revela, portanto, uma profunda inautenticidade. Mas revela também a situação dramática na qual se encontra a sociedade africana atualmente. É uma situação que nos diz respeito muito mais de perto que poderíamos pensar superficialmente. É esta: Muitas culturas variadas surgiram no curso da história da humanidade, e muitas pereceram. A existência humana encontrava-se a si mesma em muitos climas, e mitos múltiplos desfechavam uma variedade de mundos. Múltiplos modelos incidiam, de vários ângulos, sobre aquele fundamento inefável que chamamos "a realidade". Mas entre esses modelos todos havia um que se distinguiu pela sua estrutura. Era um modelo dinâmico, e a sua estrutura era a historicidade. Brotou esse modelo de uma confluência de mitos gregos e judeus, e descobriu-se a si mesmo há um pouco mais de quatrocentos anos. Desde então está explodindo esse modelo chamado "ocidental" na forma da ciência teórica e ciência aplicada, e devora, antropofagicamente, todos os demais modelos. A tendência é para a eliminação de todos os demais modelos.

Embriagados pelos êxitos pragmáticos desse modelo, justificavam os nossos antepassados a antropofagia ocidental (ou como se diz atualmente: o seu "imperialismo"), pela certeza de

se tratar do único modelo "certo". A ciência era tida como o único modelo "adequado" da realidade, e o seu êxito o provava. Todos os demais modelos eram "mitos", mas o nosso não o era. Atualmente esta certeza evaporou-se. Sabemos, graças à análise formal (e também em virtude da vivência imediata), que o nosso é apenas um entre os modelos. Que a ciência explica a realidade tão bem ou tão mal quanto um mito nigeriano. Que incide sobre a realidade apenas de um determinado ponto de vista. Que não esgota a realidade. E que, ao devorar os demais modelos, empobrece desesperadamente as aberturas para a realidade. E sabemos ainda, graças a cibernética, que o ímpeto do nosso modelo tende a esgotar-se e que tendemos do estágio histórico para um pós-histórico, para a "plenitude dos tempos" de uma tecnologia automática e redundante.

Por este modelo altamente esvaziado (se visto de dentro), continua, por inércia, a corroer e corromper os demais modelos. Se vista de lá de fora, aparece a cultura ocidental como um perigo mortal destruidor de todos os valores. Essa visão provoca uma atitude ambivalente. Uma atitude que oscila entre a tentativa de assimilar os valores ocidentais aos valores do próprio modelo, e a tentativa de demonstrar a superioridade dos próprios modelos como defesa contra o modelo estranho e perigoso. Essa ambivalência resulta em inautenticidade. Descrente nos seus próprios valores (já que corroídos pelos valores ocidentais), e incapaz de sorver a decadência dos valores ocidentais (já que não suficientemente assimilado a eles), perde-se o africano ocidentalizado no abismo entre culturas. A "negritude" é a articulação dessa situação desesperada, falsa e insus-

tentável. Resulta de uma aparente valorização dos valores *soit disant* negros, mas na realidade de uma supervalorização ingênua dos valores do Ocidente. Dada esta inversão grotesca, são os defensores da "negritude" os únicos a manter atualmente a fé no imperialismo.

Afirmar que esta situação dramática nos diz respeito de perto. Procurarei sustentar essa afirmativa. A nossa cultura, a *soit disant* branca, está em vias de esgotamento. Esgotam-se os seus mitos, e automatiza-se o seu dinamismo chamado "progresso". O tédio que prevalece nos seus centros prova a decadência do modelo. O nosso horizonte ameaça fechar-se. Temos uma visão do futuro na qual uma massa cinzenta de aposentados (cinzenta porque mistura amorfa de "brancos", "negros", "amarelos" e "pardos"), vegeta passivamente no consumo de fitas de cinema, programas de televisão, cardápios, gravatas, penteados, e "obras de arte" uniformizados e distribuídos uniformemente sobre a face do globo. Completamente condicionados e determinados por uma única cultura estagnada na automaticidade do progresso, terão perdido os homens a abertura pela qual se possam rebelar e afirmar a sua dignidade humana. Nessa situação que nos ameaça fechar nas grades de um aparelho todo-poderoso, procuramos estender as nossas mãos aos nossos irmãos do lado de fora, para que possamos, junto com eles, resistir ao avanço de um progresso que se deshumaniza e que nos ameaça a todos. E verificamos que as nossas mãos são recusadas por serem "brancas".

Não nos deveria surpreender o fato. O "branco" é, neste sentido do termo, a côr da destruição e da morte para os nossos irmãos lá fora. Especialmente

para aquêles que se tomam, em tomada de consciência que sabemos falsa, por "negros". Mas embora compreensível, não deixa de ser trágico êsse fato. A desconfiança compreensível dos africanos não apressará, se não fôr modificada, apenas a nossa própria superação pelo aparelho, mas também a sua. Os mais despertados entre os africanos sabem disto, e enfocam a situação exatamente como o procura fazer êste artigo. O catálogo do festival que me serve de pretexto ostenta a seguinte poesia de Leopold Sedar Senghor:

Que respondamos "presentes"  
ao renascimento do mundo.  
Assim a levedura necessária à farinha branca,  
por que quem ensinará o ritmo  
ao mundo defunto das máquinas e dos ca-  
[nhões?

Mas o poeta é presidente de Senegal e organizador do "Festival Mundial das Artes Negras". Contra tal pano de fundo soa falso o hino à irmandade dos homens como aliança contra o aparelho.

Esta, pois, parece ser a situação na qual se encontra a humanidade na segunda metade do século XX: Um modelo da realidade, chamado "cultura ocidental", domina a cena. É um modelo exausto e espalha a sensação do tédio e do absurdo. Aos que ainda se encontram do lado de fora, nos destroços de modelos destruídos, causa pavor e admiração, e provoca nêles reações inautênticas como a "negritude". Aos que se encontram do lado de dentro causa o fechamento do horizonte. Mas há, felizmente, janelas. Brechas na parede compacta da situação, pelas quais podemos escapar ao nosso modelo e procurar criar outros. Aberturas para a criação de novas culturas. Uma entre essas janelas é a brasileira. O Brasil é um dos poucos lugares da Terra nos quais podem ser observadas tendências para a

articulação de novas formas de cultura, portanto de novos valores. Embora inserido no mundo ocidental e estruturado por seu modelo, é o Brasil um lugar aberto e constantemente invadido e evadido. Isto se dá, porque a sua estrutura ocidental é contaminada por outros modelos. Outros mitos, inclusive africanos, infiltram-se aqui por entre as malhas da rede "explicativa" ocidental, e permitem que a realidade seja captada de forma mais rica. E êste fato pode ser observado mais nitidamente no campo daquela manipulação chamada "arte".

Não existe "arte negra" no Brasil, embora os organizadores do festival de Dacar, enganados pelo modelo biologicizante ocidental, tivessem tido essa ilusão ao convidar artistas brasileiros "negros". Mas começa a articular-se uma arte da qual participam, entre outros, elementos africanos. Êsses elementos nada têm a ver com a "raça" do artista. Um artista biologicamente "branco" ou "amarelo" pode sofrer suas influências em grau mais marcado que um artista biologicamente "negro". Isto prova quão falsa é uma explicação biológica no nível da cultura. Mas êsses elementos africanos nunca se isolam dos outros. Pelo contrário, integram-se orgânicamente. Uma análise reflexiva pode descobrir traços africanos, ou orientais, ou indígenas, numa obra de arte brasileira. Mas o artista, ao criá-la, não se dá conta da sua presença. Procura articular uma vivência da realidade, e recorre, orgânicamente, a modelos variados. Não está, nessa sua atividade criadora, inteiramente fechado pelo modelo ocidental, não está, como se diz atualmente, inteiramente "programado" por êle. O repertório do artista brasileiro é mais amplo. Permite a captação de informações originais que são insig-

nificativas para um homem inteiramente condicionado pela cultura do Ocidente. O artista brasileiro é um ser mais aberto, e pode sê-lo em virtude das influências extra-ocidentais às quais está exposto.

O Brasil oferece pois uma alternativa positiva à "negritude". Uma alternativa que pode ser formulada da seguinte forma: O modelo ocidental que ameaça a humanidade tãda de fechamento na forma do aparelho automatizado pode ser superado pela abertura a outros modelos, desde que se consiga sintetizá-los. Da síntese pode surgir um modelo inteiramente nôvo, e simultaneamente a transcendência de todos os

modelos. Se conseguirmos forçar essa abertura, não seremos nem "brancos" nem "negros", nem cinzentos. Teremos dado nôvo colorido a uma realidade que tende a perder tãda cõr, cheiro e gõsto. É óbvio que nada garante seja mantida aberta a janela brasileira. A fõrça do aparelho ocidental procura fechã-la, e é assistida por tendências como a "negritude". Mas é provãvel que aquêles que assistiram ao festival de Dacar sentiram o sõpro de libertação na contribuição brasileira. Sentiram talvez que o Brasil é um dos poucos lugares, nos quais ainda há homens que procuram rebelar-se contra o condicionamento humano. Que seja esta a resposta à "negritude".

### III. Carta do Pará

VICENTE SALLES

O GRÃO-PARÁ era indesejãvel para o negro. A recíproca também parece ser verdadeira.

Mando-te para o Pará [ameaçavam os senhores pernambucanos] quando o negro dava para ruim ou malandro (G. FREYRE. *O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX, 1863-1889*).

Aportaram ali as peças rejeitadas nas demais praças negreiras. As cotações locais eram mesquinhas em face do interesse dos mercadores. São Luís do Maranhão, melhor situada e mais desenvolvida, absorvia a quase totalidade das importações para o extremo norte, povoando de negros as margens do Pindaré, Mearim e Itapicuru. Das fazendas localizadas nessas paragens, o negro fujão tomava diferentes direções: ser-

tão do meio-norte, planalto central, florestas paraenses. Belém receberia oficialmente pequena cota de negros. A lavoura paraense era incipiente e o criatório, no Marajó, exigia poucos braços. Assim, os negros, em sua grande maioria, permaneceriam urbanizados, empregados nos mais diferentes misteres. Na cidade, tornar-se-iam ladinos. Adotariam a *Língua Geral*. Solidarizar-se-iam com os nativos. Os brancos, minoria opressora, teriam que sufocar freqüentes distúrbios dos escravos — negros e índios. O antagonismo entre o govêrno temporal e o espiritual desloca o centro das lutas que, no período colonial, tanto perturbaram o sossêgo das autoridades civis e religiosas. Outro antagonismo, já visível nos meados